

A geografia escolar e o exercício do trabalho de campo: o olhar dos estudantes da escola técnica Alto Médio São Francisco – Pirapora, MG

Rahyan de Carvalho Alves¹

Universidade Federal de Minas Gerais
rahyncarvalho@yahoo.com.br

Gildette Soares Fonseca²

Universidade Estadual de Montes Claros
gildettes@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho denota-se como relevante, pois tem por objetivo refletir a importância da disciplina geográfica, entrelaçando algumas possibilidades de métodos de ensino, além da percepção dos alunos da Escola Técnica Alto Médio São Francisco, localizada no município de Pirapora – MG, sobre a importância da pesquisa no cenário desta disciplina. O caminho trilhado baseou-se em levantamento bibliográfico e aplicação de questionário semiestruturado para estudantes do 9º ano, em 2011, da escola supracitada, bem como

¹Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros e mestrando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Doutoranda em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros.

para seus pais. A Geografia escolar pode representar a importância da educação na construção contínua do ser humano, uma vez que possibilita aos estudantes uma releitura do cosmo social que a vida proporciona ao homem, analisando, em todas as esferas, as mudanças do espaço.

Palavras-chave: Geografia. Trabalho de campo. Prática. Escola. Ensino.

Introdução

Inúmeras vezes deparamo-nos com discussões a respeito da disciplina geográfica no meio escolar e da sua importância enquanto mediadora de conflitos e construtora de soluções. Por seu embate e importância, faz-se necessário que a sua renovação seja constantemente (re) pensada, pois não se pode vincular um “modelo” ideal que se enquadre no processo de ensino e aprendizagem para com os alunos, estando sempre em procura de “inovações” e meios para não se perder na busca incansável de uma educação construtiva e libertadora, a qual valorize o ser humano e a sua percepção.

Nesta perspectiva, este trabalho objetiva refletir sobre a integração da Geografia escolar, caminhos e propostas metodológicas, estando estruturado em quatro momentos. O primeiro retrata a Geografia como disciplina escolar; o segundo se apoia na abordagem de métodos para aprimoramento da aplicabilidade da mesma; em terceiro, discute-se o trabalho de campo como mediador e fomentador do ensino da disciplina em questão; e, por último, contempla-se o olhar dos alunos do 9º ano da Escola Técnica Alto Médio São Francisco, no município de Pirapora – MG, sobre a importância do elo ensino/pesquisa. Para tanto, utilizou-se, como procedimentos metodológicos, levantamentos bibliográficos e aplicação de questionários semiestruturados para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da escola descrita e pais de alunos.

O estudo contempla, de forma simples e objetiva, a relação da Geografia escolar e sua funcionalidade enquanto disciplina revolucionária e reflexiva, proporcionando, principalmente aos graduandos em licenciatura, uma possibilidade de integrar a prática, como o trabalho de campo, na sua proposta de ensino.

A geografia escolar: “o que é isso mesmo, professor?”

Dentro do contexto escolar, a Geografia é, muitas vezes, retratada como a disciplina da “simplicidade”, de forma que alguns pais até comentam que é a matéria que contempla o exercício da “decoreba”, conteúdo da insignificância. Mas, felizmente, através do comprometimento de professores capacitados, a Geografia vem transpondo barreiras e se tornando cada vez mais prazerosa, derrubando estes olhares que afligem e obscurece esta disciplina.

É fato que uma das dificuldades que os discentes encontram é entender verdadeiramente “o que é Geografia”. Pode-se dizer que a Geografia é uma das diversas ciências humanas que busca ter uma maior compreensão do espaço, sendo este o resultado da relação constante do ser humano com o meio em que está inserido, seu objeto de estudo foi e permanece sendo debatido, uma vez que a relação homem-natureza é extremamente complexa. Mas é no espaço geográfico que o geógrafo deslumbra as suas análises, por ser o palco de todas as transformações, utilizando as categorias³ geográficas para decodificar as suas interpretações e percepções.

Para Lima (2011, p.56), a melhor definição é:

[...] a ciência que explica as diversas combinações entre os fenômenos físicos e humanos, agora com novos olhares antropomorfológicos... Durante muitos anos, a Geografia se fundamentou apenas na descrição do meio natural, mas atualmente procura mostrar as

³ Categorias conceituais da Geografia: Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar.

diversas relações entre as pessoas e o mundo em que vivem em suas multiplicidades de culturas.

A complexidade da Ciência geográfica implica na dinâmica da disciplina escolar. Quanto ao objeto de estudo, é condizente com a postura do estudante e/ou pesquisador, tomando como referência o momento social que o mundo abarca. Sobre a definição do objeto da Geografia, Moraes (2007, p.46) discorre:

O objeto da geografia adquire uma nova conotação, seja ela na pesquisa ou no meio escolar. Escapa-se do plano da abstração quando se aceita que existem tantas Geografias quantos forem os métodos e interpretação. E mais, que Geografia é apenas um rótulo, referido a um temário geral. E que este só se substantiva através de propostas orientadas por métodos que expressam posicionamentos sociais. Assim, o que é Geografia, seu objeto, dependerá da postura política, do engajamento social, de quem faz Geografia e de quem a sente.

A Geografia compreende, analisa, afere, através do espaço e do tempo, as mudanças que ocorrem no mundo, sendo esta a raiz que sustenta a dinâmica de seus estudos, tendo o dever de mostrar ao educando qual a sua interferência na sociedade, seus deveres e direitos, as modificações pelas quais o espaço passa e quais os agentes que os promovem, possibilitando-o a uma averiguação dos fatos, de modo que acarreta a formação do aluno como um ser capaz de formar opiniões, possuidor de criticidade, articulador sobre as inúmeras temáticas pelas quais o mundo esteja a passar, sendo um cidadão que saiba posicionar-se em toda e qualquer ocasião.

O professor de Geografia pauta o conhecimento formal e informal dos planos curriculares, sendo movido pela paixão por esta disciplina que representa o cotidiano, podendo promover uma mediação capaz de moldar, gradativamente, os aspectos sociais, tais como a moral e a ética. Tem como base o diálogo e o afeto, pois, além de

ser um mediador de ideias, ele é um revolucionário, pautando o espetáculo social com que este aluno convive e precisa constantemente interpretar. Este profissional é capaz de mudar concepções ou de dar uma nova conotação a discussões, interferindo na vida do ser humano. Cury (2003, p.79) salienta que: “[...] o professor muda paradigmas, transforma o destino de um povo e um sistema social sem armas, tão-somente por prepararem seus alunos para a vida através do espetáculo das suas ideias”.

O professor de Geografia deve e tem como contribuir na formação de indivíduos com visão ampla, apesar de críticas observadas à disciplina em sua trajetória, sabendo da força de sua posição política nos educandários e a sua forma ampla de perceber as ações e eventos espaciais de infinitos crivos ideológicos.

E em meados de 1990, com a pluralidade no ensino da Geografia, a partir dos discursos marxistas, respeitando o contexto sociopolítico, científico e educacional da época, os referenciais interpretativos da realidade que não eram descritos nos livros didáticos passaram a ser repensados e melhor atendidos na ferramenta principal do educador, o que projetou, então, melhorias em termos de abordagens espaciais.

Mais do que localizar e descrever elementos da natureza, da população e da economia, de forma separada e dicotomizada, propunha-se uma nova estrutura para esse conteúdo escolar, que tivesse como pressupostos o espaço e as contradições sociais, orientando-se pela explicação das causas e decorrências das localizações de certas estruturas espaciais (CAVALCANTI, 2008, p.23).

Todavia, muitos professores ainda estão calcados na formação voltada ao molde teórico-quantitativo, não atendendo ao carro-chefe da Geografia escolar que é a revolução constante do pensamento crítico do aluno – cidadão, onde se deve fazer junção as novas abordagens políticas sociais, ressaltando, por exemplo, a Geografia e o uso da percepção.

Na prática, enfim, continua sendo um desafio grande cumprir o objetivo básico da geografia na escola, que é o de formar um pensamento geográfico amplo, pensamento espacial genericamente estruturado para compreender e atuar na vida cotidiana pessoal e coletiva de forma significativa (CAVALCANTI, 2002, p.37).

A Geografia, lamentavelmente, ainda é descrita por alguns estudantes como a disciplina pautada pela descrição de elementos naturais, análises superficiais de solo, clima, relevo, entre outros, sendo um estudo revestido de “teorias”. Assim, dificultando a sua aplicabilidade nos conhecimentos para o seu dia a dia. Mas, como processo contínuo, a disciplina passou e passa por mudanças consideráveis, revendo continuamente seus conceitos, experimentando enfoques na metodologia, como as etnometodologias, reestruturando sua composição para adequar-se às necessidades dos alunos e da sociedade.

Com todo o processo da Geografia escolar, as mudanças ocorridas e a significância desta para a sociedade, ainda existem inúmeros empecilhos que dificultam o processo de ensino e aprendizagem no âmbito educacional, como, por exemplo, as metodologias engessadas. Porém, algumas abordagens “inovadoras”, ou melhor, dinâmicas, “iluminam” a sala de aula e levam o educando a descobrir que a Geografia é mais que uma localização geográfica, ela é uma decodificadora da realidade.

O educador da Geografia, gradualmente, percebe que a disciplina é mais que conceitos prontos e definidos, é um caminho eficaz para a mudança da sociedade, podendo buscar sempre através da Geografia um meio para “(re) humanizar” o ensino e com ele o ser humano.

A geografia escolar além do livro didático

O desenvolvimento das habilidades de um indivíduo, no íntimo da formação de sua personalidade e o fomento do conhecimento for-

mal, ocorrem em meio à vida escolar e, concomitantemente, com a sua relação social, o que evidencia a responsabilidade da escola como propulsora da relação sujeito-ensino-sociedade. Nesta perspectiva, o trabalho do educador e do educandário é de extrema relevância, uma vez que a aplicação de metodologias e recursos didáticos ineficazes poderá promover uma lacuna no processamento intelectual e social do estudante.

A Geografia, como a disciplina escolar voltada para o todo, tem o ofício de representar o mundo social através da cosmovisão da escola, sendo às vezes muito difícil para o educador esta tarefa, uma vez que sabemos das defasagens da infraestrutura e do suporte técnico pedagógico para com este, estando o mesmo, muitas vezes, aportado em recursos didáticos baseados no livro, quadro e giz, e na aula expositiva dialogada.

Esta postura constante promove, às vezes, a monotonia que vivenciamos na sala de aula. E enquanto mediador do conhecimento, isso nos faz repensar um meio que devemos aplicar na tarefa do ensinar, pois o livro sozinho não abrange o mundo de que os jovens de hoje necessitam, principalmente no mundo digital que estamos inseridos.

O livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor, sendo muitas vezes ineficaz (BITTENCOURT, 2004, p.72).

A aprendizagem do educando ocorre de várias maneiras e através de vários meios, e é a relação do educando com o professor que revela a utilidade de novas técnicas e metodologias para o aprimoramento do aprendizado. Desta forma, os recursos didáticos utilizados devem ser analisados e testados, averiguando-se sempre as possíveis transformações que a aprendizagem proporciona, pois, sabe-se que o tra-

dicional método decorativo, muitas vezes, apresenta-se apenas como um momento de memorização de um conceito, não gerando de fato a essência do aprendizado, além de ser cansativo e apenas induzir à construção de um conhecimento momentâneo (SILVA, 2007).

O livro didático é importante no momento em que o educador saiba e compreenda as defasagens do mesmo, fazendo, sempre que possível, analogias sobre a imagem e as leituras que este traz. Exemplos claros da discrepância existente no livro didático são as imagens do negro no contexto social, sendo quase sempre marginalizado ou nem mesmo citado. Não se pontua aqui o livro como o “vilão” do processo de ensino, pelo contrário, este é o meio que temos e devemos sempre utilizar; o que se destaca é a necessidade de novas aberturas para tornar mais dinâmicas as aulas de Geografia. Sobre o assunto, Oliveira (1989, p.137) salienta que: “[...] os professores foram seguramente as vítimas desse processo, onde o livro didático tornou-se a sua “bíblia” [...]”, podendo na atual conjuntura política mudar esta postura direcionada, tornando-se mais autônomo e crítico.

A Geografia escolar deve abranger a leitura da realidade local-global e global-local, possibilitando ao aluno a concepção crítica dos fenômenos que o cercam em escalas variadas. Assim, podem ser utilizadas atividades lúdicas e inovadoras que promovam um aprendizado abrangedor e relativamente permanente; uma possibilidade de ensinar com simplicidade, eficiência e prazer; sendo imprescindível a aplicação de métodos socializadores na aula de geografia, para promover atenção, interesse e alegria no momento de ensinar-aprender.

Métodos de ensino socializado: o objetivo principal é o trabalho de grupo, com vistas à interação social e mental proveniente dessa modalidade de tarefa. A preocupação máxima é a integração do educando ao meio social e a troca de experiências significativas em níveis cognitivos e afetivos. Promovendo a comunicação e expressões coletivas de valor imensurável (VILARINHO, 1985, p.52).

Exemplos de auxílio no trabalho de mediação do conhecimento são o seminário e o teatro; um podendo proporcionar o deslumbramento do aluno a ser o pesquisador e indagador da sua realidade, e o subsequente promovendo a ludicidade que torna a aula mais viva e estimulante. Proporcionando ao aluno buscar formas, conteúdos, dados e situações que levem à sua própria compreensão, não oferecendo estaticamente o conteúdo.

Fazer teatro tem na emoção da representação um toque especial ao ensino de Geografia, que pode fazer do teatro uma aula. Ao envolver-se na narrativa de um povo, ao viver os personagens e argumentar pelos seus direitos, os estudantes compreenderão melhor, pelos conflitos do texto, os conflitos da vida, da sociedade, deles mesmos (BURLA & AGUIAR, 2009, p.13).

O ensino deve ser prazeroso e propiciar, sempre que possível, a pesquisa, oferecendo ao estudante um maior aprendizado, especificamente na Geografia, a qual almeja a formação social dos seres ativos, que busca em seus conceitos transpassar noções de responsabilidade, percepção e conservação dos meios que os cercam, sejam culturais, ambientais, dentre outros (CAVALCANTI, 2005).

O seminário introduz no processo de ensino o mundo de novas realidades, onde o aluno possa compreender as ações que os circundam, analisando os conteúdos expostos nos livros didáticos com a realidade do mundo concreto, possibilitando ao mesmo ser o protagonista da sua história, o revolucionário de temáticas emblemáticas, o construtor de uma nova leitura social, fornecendo às aulas um foco diferente de todas as disciplinas escolares, pois estamos diretamente estudando o objeto principal da humanidade, o homem, o sujeito.

O seminário não é feito somente para o professor, mas essencialmente para a turma de alunos. Ele não é uma leitura de um texto, mas sim uma troca de ideias entre quem

apresenta e quem o assistem, sendo uma pesquisa, ou uma nota. A chance de uma nova descoberta, uma interação, uma forma de entender o todo pelo grupo (LAKATOS & MARCONI, 1990, p.47).

Estes métodos objetivam que o aluno faça uma associação dos conteúdos com a junção da pesquisa, aliando leveza e dinamismo, a partir de temas relacionados com a sua vivência e através dos quais ele possa colocar o seu olhar crítico sobre o assunto, fato o qual possibilitará que ele crie o seu próprio conhecimento, sendo um protagonista.

O educando tem suas ideias em constante construção, sendo entrelaçado com o seu contexto social que muitas vezes não conseguimos abordar em sala de aula, pois cada aluno carrega sua bagagem de interpretação e indagações estruturado em enredos de uma formação histórica específica, particular. A Geografia representa um conjunto de normas e símbolos que tece e constitui a história de qualquer povo, sendo que é pela mediação da pesquisa nas decorrências dos seminários e/ou construções de teatros que os alunos poderão descobrir a sua raiz, seu desenvolvimento e a possível postura enquanto futuros agentes modeladores da sociedade em que vivem.

A concepção da disciplina que ignora o mundo real tende a esquivar do processo educativo do século XXI; a passividade e tolerância sobre as eventualidades e fenômenos sociais não são carecidos de triviais explicações; o aluno deve buscar na pesquisa a sua guisa de consideração. A prática do pesquisar, a releitura do livro didático e a transformação do palco da sala de aula em momento de prazer devem ser, cuidadosamente, efetivadas pelo professor mediador do conhecimento.

O ensino-pesquisa pela sua importância deve ser protagonizado na sala de aula pelo geógrafo, demonstrando uma nova forma de perceber o mundo, além das teorias incansáveis.

A geografia escolar foi imposta a todos no fim do século XIX e esse modelo continua a ser reproduzido ainda hoje, quaisquer que possam

ter sido os progressos na produção de ideias científicas, encontra-se totalmente alheado de toda a prática. De todas as disciplinas ensinadas na escola, a geografia é, ainda hoje, a única que surge como um saber sem a mínima aplicação prática fora do sistema de ensino, o que deve ser mudado (YVES, 1998, p.38).

Assim como Gentili & Alencar (2001, p.108) definem a questão do ensino, podemos de fato “reconhecer que a educação é um processo. E sabemos que o resultado vem em longo prazo, mas com uma extraordinária força de mudança”. Tem-se nos métodos e nos recursos disponíveis uma maneira de despertar no aluno a possibilidade de ser o protagonista da sua história e não um coadjuvante alienado da classe dominante, que perpassa pela história e estrutura da educação no Brasil.

A importância do trabalho de campo no processo de ensino e aprendizagem da geografia escolar

Indiscutivelmente, a busca de novas formas para com a construção do conhecimento, no âmago da geografia escolar, é necessária, e a metodologia baseada no trabalho de campo proporciona inúmeras vantagens. A flexibilização de ferramentas e métodos, no caso da averiguação de fatos ou novas descobertas, proporciona ao educando o abrir das cortinas dos saberes geográficos que, às vezes, ficam nos cinzentos códigos expressos no livro didático e na vaguidão das falas do professor.

Compiani (1991) discute o trabalho do educador da Geografia e sua postura enquanto proporcionador do trabalho de campo, pois este meio é uma das formas mais simples, concretas e reais que levam o aluno como um fio condutor a buscar e compreender os conhecimentos, processos e conceitos exprimidos nas discussões embatidas em sala de aula. Isso comprova que todos aqueles conceitos demonstrados de forma enciclopédica escondem uma grande rede de saberes, ratificando que todo o conteúdo da geografia não vive separadamente.

A teoria que muitos dizem definir a natureza geográfica perde espaço quando o educador vivencia e mostra ao seu aluno a força e a importância desta matéria, sendo nítido quando o mesmo leva o grupo para a pesquisa, vivenciando no processo empírico, na observação, na etnografia, na decodificação da leitura de uma paisagem, entre outros, o mundo que o homem habita. O educador tem a responsabilidade de reverter o clichê que há anos define a geografia, conquistando gradativamente o interesse dos alunos por sua matéria, pois ela equivale à construção do seu mundo.

Tomita (1999) ressalta a importância do mediador do conhecimento em levar ao aluno as novas possibilidades de leituras da geografia, pautando-se no trabalho de campo.

Dentre várias técnicas utilizadas no ensino de Geografia, considera-se o trabalho de campo, uma atividade de grande importância para a compreensão e leitura do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a prática, oferecendo novos olhares, abordagens, interpretações do que ocorre no mundo e no lugar em que o sujeito vive. Dando novo sentido a geografia (TOMITA, 1999, p.13).

O aluno necessita de interação, discussão, embate socializados; e o diálogo sem efetivação concreta de intervenções torna-se apenas impressão. O trabalho de campo remete-o a realizar diagnósticos, modelando as possibilidades de o aluno ir além da proposta que o professor levanta, abordando e reinterpretando a teoria do mundo geográfico.

Vázquez (1977) transmite essa formação do mundo teórico, pela ação prática, discorrendo que:

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e,

em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação (VÁZQUEZ, 1977, p.206).

O professor de Geografia é de fato um revolucionário, não um sonhador, como escutam nas reuniões pedagógicas ou nos corredores da escola; ele sabe o poder que a Geografia pode exercer na vida de todo aluno. Compreende que suas técnicas e métodos de ensino reconhecem e vivenciam o mundo que o ser humano constantemente tenta entender. O título de sonhador é conquistado pelo fato de buscar despertar no aluno o seu papel enquanto transformador social, levando-o a repensar seu local, reiterando o seu olhar crítico para as especificidades de questões que passam despercebidas por muitos. A partir de suas formas pedagógicas, em foco no trabalho de campo, o educador leva de fato o educando a indagar-se e indagar o que ocorre ao seu redor.

A Geografia busca no trabalho de campo uma base de análise, ofertando a possibilidade de o aluno e também o professor aumentarem seus leques de debates e intervenções. Vesentini (1992) retrata este papel da geografia educadora, analisado-a pela postura de incentivar a prática como uma forma de fortalecer as reivindicações e leituras sociais, onde devemos buscar uma nova geografia.

[...] nova enquanto prática educativa na qual não apenas se reproduz, mas de fato se produz saber, na qual professores e alunos recriam e tornam-se coautores de conhecimentos geográficos; onde se deve retomar sob outras bases o estudo do meio – com estudos participativos do meio, integrados aos problemas sociais –, incorporando estratégias pedagógicas. Consiste na geografia escolar ligada à realidade

do educando, na qual ele sinta que, através desse estudo, passou a refletir e compreender melhor o mundo em que vive, podendo então se posicionar conscientemente frente a essa realidade com suas contradições, conflitos e mudanças (VESENTINI, 1992, p.66).

O cuidado que o professor sempre deve retomar é a sensibilização dos alunos, pais e escola sobre a importância do trabalho de campo, sendo este um momento de descontração, lazer e primordialmente estudo/conhecimento, não propagando a impressão do passeio sem finalidade.

Monbeig (1936) afirma que o trabalho de campo (muitas vezes descrito como excursão) constitui em um valioso auxílio e deve ser aproveitado pelo docente e pela escola, devendo ser aplicado com um objetivo definido, um trabalho geográfico, a fim de que não se reduza a “simples passeio” ou “viagem de turismo”, levando o estudante a descrever e indagar sobre o trabalho realizado, seja em qual for a esfera, magnitude, ou forma. O trabalho de campo, como salientado, é importante na formação da leitura crítica, sempre retornando o conteúdo com o pesquisado e as novas abordagens encontradas, reafirmado com o discurso de Kaercher (2004, p.233) o qual retrata que o trabalho de campo será “insuficiente se não alertarmos nossos alunos para a necessidade da reflexão sobre o que se vê”.

O ato de ensinar é preocupante, envolve a dicotomia do simples e do complexo, do medo e da liberdade, da sensação do realizado e do sentimento de que “faltou algo”, mas o educador, no íntimo o geógrafo, busca incansável e diariamente, formas de despertar um novo olhar ao estudante, pois sabe que o gestor da futura sociedade são os seus alunos, e que seu trunfo é buscar sempre métodos e recursos para “transformar” o educando em um ser humano crítico, analista, interventor e modelador.

Assim, o trabalho de campo oferta ao professor e ao aluno atitudes, técnicas e habilidades que fazem a diferença em uma sociedade tão dinâmica, complexa e contraditória em que estamos inseridos.

O olhar dos alunos da escola técnica Alto Médio São Francisco e dos pais sobre o trabalho de campo: do livro didático para o universo do real

Pautando na concepção da importância do trabalho de campo para a Geografia escolar como um instrumento de auxílio do ensino, e compreendendo o discurso de Freire (1996, p.63) de que: “[...] não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”, tornou-se indispensável uma análise sobre a importância para os alunos desta alternativa necessária de ensinar. Para tanto, pesquisou-se um universo (aleatório) de vinte e cinco (25) alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Técnica Alto Médio São Francisco, localizada no município de Pirapora – MG, sobre a relevância do trabalho de campo para os mesmos, além de entrevistas com os pais sobre a percepção deste método no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos. Salienta-se que as respostas foram descritas na íntegra, inclusive com os erros de ortografia. Quanto à estruturação do questionário, não foi solicitada a identificação dos mesmos, preservando a integridade dos educandos e dos pais.

A um total de vinte e cinco (25) alunos, perguntou-se se já participaram de algum trabalho de campo proposto pela escola foco de estudo, e a resposta segue abaixo conforme visualização do Gráfico 01.

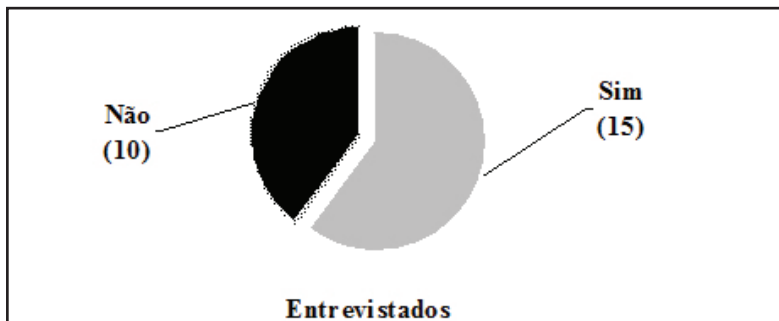


Gráfico 01. Participou de algum trabalho de campo? (Pirapora – MG)

Fonte: Pesquisa direta, 2011.

Pode-se perceber pelo Gráfico 01 que em sua maioria (15) os alunos participaram de trabalho de campo, sendo considerável este resultado, pois os educandos da referente escola têm uma média de três anos de estudo no educandário, tendo sido oferecida pelos professores a oportunidade da pesquisa.

Com ligação à pergunta anterior, indagou-se aos alunos quais as disciplinas que realizaram trabalhos de campo. A Geografia foi descrita pelos mesmos como a disciplina que mais promove de fato pesquisa de campo – retrato do papel de professores preocupados em promover o elo entre análise e criticidade dos fatos através do cotidiano. O resultado pode ser analisado pelo Gráfico 02.

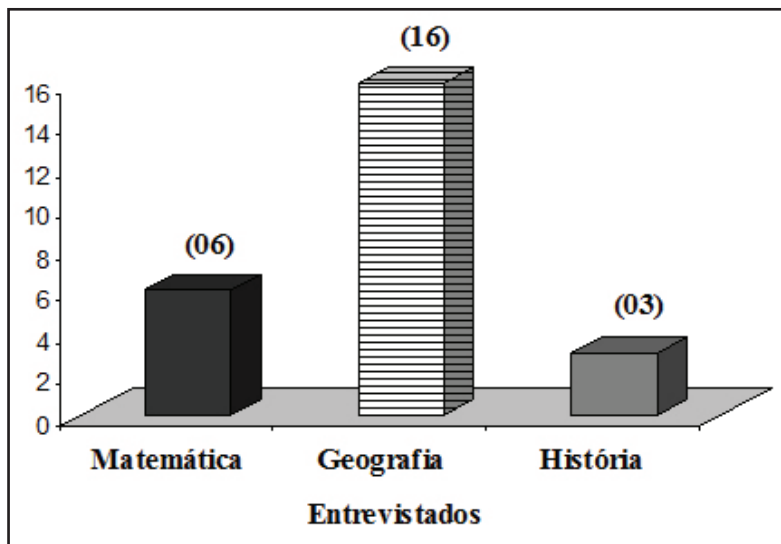


Gráfico 02. Qual disciplina realizou trabalho de campo? (Pirapora – MG)

Fonte: Pesquisa direta, 2011.

O Gráfico 02 evidencia também trabalho de campo realizado pelos educadores de Matemática e História. Aproveitando a oportuna resposta dos alunos, solicitou-se que estes retratassem a diferença entre o mundo da pesquisa realizada em campo e o trabalho exercido pelo professor no espaço escolar, e as respostas seguem na Tabela 01.

Tabela 01

Qual a diferença que você analisa entre o conteúdo explicado em sala de aula e o trabalho de campo, no íntimo da geografia escolar?

Estudante 01	“Em sala de aula temos só a explicação e no trabalho de campo temos a explicação e a demonstração, fica mais fácil de entender o que o professor falar”. (sic)
Estudante 02	“O trabalho de campo faz com que aprendemos a matéria com uma maneira prática, mais descontraído e mais legal, facilitando assim o aprendizado e a união com os colegas de classe”. (sic)
Estudante 03	“O trabalho de campo é uma extensão, uma ampliação do conhecimento do conteúdo que vimos direto no livro, e as vezes só por livro não entendemos direito”. (sic)
Estudante 04	“Na sala de aula é a teoria e o trabalho de campo é a prática, nela podemos comprovar tudo e mais um pouco que aprendemos na sala de aula, agente percebe, vê”. (sic)
Estudante 05	“Na sala só fica cansativo, uma aula desanimada, já no trabalho de campo é mais alegre, a gente aprender e conhece mais os outros”. (sic)

Fonte: Pesquisa direta, 2011.

Fica nítida a relação do papel do professor, neste estabelecimento, enquanto mediador do conhecimento e propulsor de novos métodos de ensino que respeitam a elaboração de ideias do aluno, uma vez que, pelos relatos dos educandos, estes percebem que a pesquisa fornece um vasto processo de conhecimento que perpassa os ensinamentos do livro didático, promovendo de forma dinâmica e alegre o processo de aprender. Além disso, proporciona um auxílio na formação do ser humano enquanto pesquisador e cidadão, pois os alunos perceberam o significativo momento de socialização, da interação, do conhecer o outro.

Os professores dessa instituição, no âmbito de Geografia, conforme as leituras das respostas, estão promovendo o ato da experimentação de

novas técnicas, oferecendo o hábito da troca de saberes, pois sabem que o trabalho de campo é um auxiliador do ensino (TOMITA, 1999).

Sabendo que a educação baseia-se na trilogia escola (sociedade)-aluno-família, indagou-se aos pais (25) se estes aprovam e compreendem a importância do trabalho de campo para com a formação intelectual e cidadã dos seus filhos (Gráfico 03).

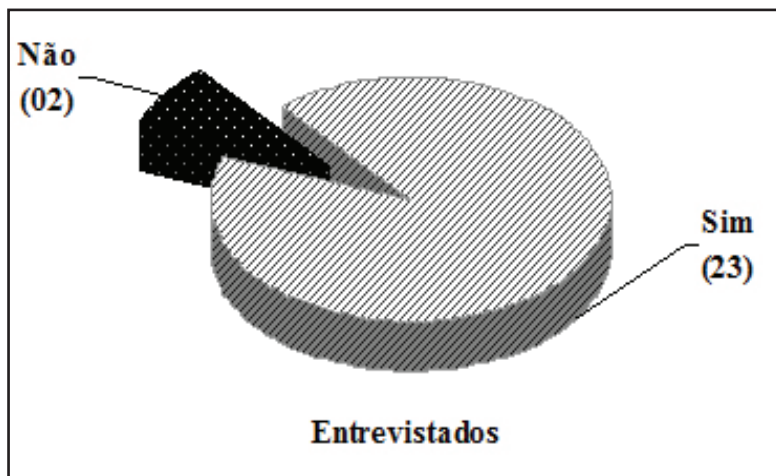


Gráfico 03: O trabalho de campo é importante para a formação intelectual e cidadã dos seus filhos? (Pirapora – MG)

Fonte: Pesquisa direta, 2011.

A resposta presente no Gráfico 03 demonstra a sensibilização e conscientização dos pais e família para com o ensino-pesquisa, uma vez que a maioria (23) disse aprovar e compreender o objetivo do trabalho de campo. A relevância deste método para os pais é abordada nos relatos da Tabela 02.

Tabela 02

Qual a importância do trabalho de campo para o processo de ensino e aprendizagem do seu filho (a)?

Pai 01	“Aplicação na prática dos assuntos teóricos desenvolvidos em sala de aula para construção do seu conhecimento e capacidade cognitiva, interagindo de forma real com o meio ambiente e tudo que o cerca”. (sic)
Pai 02	“É essencial, pois a teoria aliada ao cotidiano proporciona a assimilação do conteúdo proporcionando efetivamente o aprendizado, ajudando a formar consciência e responsabilidade para com os nossos filhos”. (sic)
Pai 03	“O trabalho de campo se bem desenvolvido tende a demonstrar na prática, a teoria aplicada em sala de aula. O meu filho pode criar cada vez mais afinidade com a matéria por este método ser mais alegre, despojado, que o uso constante do livro e da fala, unindo matéria e educação de fato”. (sic)

Fonte: Pesquisa direta, 2011.

As famílias aqui pesquisadas compreendem a importância do trabalho de campo e da interação do mundo familiar com a escola, sob a “pena de a escola não conseguir atingir seus objetivos [...]” (CHALITA, 2001, p.17-18). E nos discursos dos pais, esta presença é marcante, unindo compreensão da postura pedagógica e da responsabilidade embutida do trabalho de ensino-pesquisa para a formação gradual do indivíduo.

A concepção dos alunos do 9º ano da Escola Técnica Alto Médio São Francisco e de seus pais é condizente com a postura dos educadores que promovem respeitosamente métodos de ensino dinâmicos, onde o trabalho de campo, tal como foi retratado, pode introduzir nestes um processo alinhavador de ideias, traduzindo embates e construindo gradativamente a importância da pesquisa com a educação.

Considerações finais

A educação vem passando por uma transformação de valores e princípios no íntimo do processo da formação do educando como cidadão. E os professores de Geografia devem buscar capacitar-se continuamente para realizar seu papel de mediadores na construção da aprendizagem, mostrando a evolução das metodologias no uso dos recursos didáticos de ensino pautado no processo dinâmico da educação para a melhor compreensão das temáticas desta fantástica disciplina.

Na escola pesquisada, percebemos o profundo embasamento pré-descrito pelos educandos e pais sobre a importância do ato de pesquisar aprendendo, onde o papel do professor efetivou a consciência de procurar métodos que tornem a aula de Geografia mais prazerosa e produtiva. Neste contexto, cabe ao educador levar os estudantes a compreenderem a importância da Geografia escolar para a sua vida, uma disciplina que se torna mais eficiente quando o sujeito é levado a ser o pesquisador da sua própria realidade.

Referências

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**: Livros didáticos entre textos e imagens. São Paulo: Contexto, 2004.

BURLA, Gustavo & AGUIAR, Valéria Burlar. O teatro e o ensino da geografia. **Anais 10º Encontro Nacional de prática em Geografia**, Porto Alegre, 02 de novembro de 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e a prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

_____. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaios sobre o ensino da geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

COMPIANI, Mauricio. A Relevância do trabalho de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. **Cadernos UNICAMP**, v. 2, nº. 2, ago./dez. Campinas, 1991.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Saberes, 1996.

GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados populacionais do município de Pirapora**. Secretaria município de Pirapora – MG, 2009.

KAERCHER, Nestor. André. **A geografia escolar na prática docente: A utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo: USP, 2004.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1990.

LIMA, Daniel. **Dicionário Geográfico**. Disponível em: <http://www.dicioeounipac.br>. Acessado em 10 de Outubro de 2011.

MOMBEIG, Pierre. Metodologia do ensino geográfico. **Revista Geografia**, AGB, São Paulo, v. 1, nº. 2, ago./dez, 1936.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena historia crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Educação e ensino da geografia na realidade brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

SILVA, Edemilson Suassuna da. **O passado que teima em ser o presente: Uma abordagem sobre o livro didático no trato da questão quilombola**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

TOMITA, Luzia Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 8, nº. 2, ago./dez. 1999.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

VESENTINI, José William. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. **Didática**: Temas selecionados. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.

YVES, Lacoste. **Geografia**: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1998.